

O espelho da nação: identidade e estereótipos culturais no contexto brasileiro.

Thiago Alves Gomes
Mestre em Ciência da Informação
ctalvesg16@gmail.com

Carlos Xavier de Azeveto Netto
Doutor em Ciência da Informação
Docente do PPGCI e do PPGA/UFPB
xaviernetto@gmail.com

Resumo

O presente artigo é um exercício de reflexão estimulado pela disciplina Identidade e Memória, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. A Brasilidade, concepção empregada para delinear as características próprias do povo brasileiro, é muitas vezes limitada ao discurso de “um país tropical abençoado por Deus”. Esse adjetivo pátrio, formado pelo sufixo “eiro”, indicava, no período colonial, aquele que vivia de explorar e fazer comércio com o pau-Brasil. O objetivo deste trabalho é examinar alguns discursos de Jair Bolsonaro, contrapondo-os ao sentimento de Brasilidade, fazendo um paralelo com a memória coletiva, de modo a identificar algumas questões relacionadas à cultura e aos estereótipos que permeiam o universo da identidade cultural brasileira, retratada, muitas vezes, de forma negativa por parte das falas do então Presidente da República.

Palavras-chave: identidade; estereótipos; memória; brasilidade.

The Mirror of the Nation: Identity and Cultural Stereotypes in the Brazilian Context

Abstract

This article is an exercise of reflection stimulated by the discipline of Identity and Memory, linked to the Graduate Program in Information Science of the Federal University of Paraíba. Brasilidade, a conception used to outline the characteristics of the Brazilian people, is often limited to the discourse of "a tropical country blessed by God". This adjective, formed by the suffix "eiro" indicated, in the colonial period, the one who lived to explore and trade with pau-Brasil. The objective of this work is to examine some discourses of Jair Bolsonaro, opposing them to the feeling of Brasilidade, making a parallel with the collective memory, to identify some issues related to culture and stereotypes that permeate the universe of Brazilian cultural identity, often portrayed negatively by the speeches of the then President of the Republic.

Keywords: identity; stereotypes; memory; brasilidade.

1 INTRODUÇÃO

A noção de identidade tem sido bastante discutida pelo campo das ciências sociais, além da área política e pelas organizações da sociedade civil. No cenário político nacional, tem-se discutido sobre os valores identitários regionais e nacionais, bem como acerca dos diversos grupos que compõem a multiculturalidade brasileira. Percebeu-se que, a partir da eleição do governo Bolsonaro, parcela da população foi ainda mais provocada a reafirmar suas identidades, valores e lugares de fala. Nesta perspectiva, o olhar estrangeiro deixa de ser uma preocupação, posto ter se instalado uma luta interna por parte de brasileiros e brasileiras que, muitas vezes, desconhecem conceitos, mas são capturados por estereótipos, discursos de ódio, questões de gênero e étnico-raciais, dentre outros.

Compreendemos que a identidade marca tanto as diferenças quanto as semelhanças, distinguindo o eu do não-eu. Seria atestar que um indivíduo enquanto ser identificável é único por suas próprias características.

A noção de identidade fora do campo acadêmico é frequentemente percebida de forma estereotipada, levada sob o olhar do senso comum. Pode parecer, em primeiro lugar, um conceito fácil de analisar e simples de definir, contudo, quando partimos para uma linguagem científica, enxergamos, de pronto, o tamanho da complexidade e sua natureza paradoxal.

Emprestado do baixo-latim¹ *identitas*, “qualidade daquilo que é o mesmo”, derivado do latim clássico “*idem*” ou “*iidem*”, “o mesmo”. Para Anne-Marie Drouin-Hans² (2006), a identidade seria, portanto, aquilo que marca a singularidade e que torna cada indivíduo diferente dos demais. Para a referida autora, identidade também seria o que reúne elementos idênticos, que se assemelham e formam um coletivo.

Por este ângulo, pode-se dizer que a identidade de uma nação exprime o sentimento de pertencimento coletivo, a constatação do “igual” a si mesmo. A identidade de gênero, por sua vez, é mais delimitada, posto expressar que os indivíduos têm “as mesmas” características fisiológicas.

2 BRASILEIRO: MEMÓRIA SEMÂNTICA

Antônio Houaiss (1915-1999), professor, diplomata e filólogo, nascido no Rio de Janeiro, explicou, em uma de suas entrevistas à jornalista Leilane Neubarth, acerca da diferença de sufixos entre as palavras brasileiro e brasileiro:

O sufixo de nação é “ano”, como em americano, australiano, italiano, mexicano, ou “ês”, como em francês, português, inglês ou japonês. Já o sufixo de profissão é “eiro”, como em padeiro, carpinteiro, jardineiro, relojoeiro, engenheiro e, lamentavelmente, em “brasileiro [Revista O Globo – 29/03/15].

O vocábulo “brasileiro” caracterizava, no período do Brasil colônia, aquele que vivia de explorar e fazer comércio com o pau-brasil. Para Houaiss, a semântica da palavra é reflexo da herança portuguesa de falta de sentimento quanto à noção de nação e cidadania, que, ainda, carregamos, coletivamente, até os dias atuais.

Segundo José Murilo de Carvalho (2012), cientista político e historiador brasileiro, nos séculos que seguiram após a chegada oficial dos portugueses ao Brasil, seria ofensivo chamar alguém de brasileiro. O autor relata que os portugueses nascidos desse lado do Atlântico preferiam ser chamados de portugueses do Brasil ou luso-americanos.

Portanto, não foram os brasileiros, mas sim, o(a)s brasileiro(a)s, incluindo o(a)s índio(a)s, negro(a)s, além de milhões de imigrantes europeus e orientais, que construíram a

¹ Latim que passou a ser falado após a queda do Império Romano. (Dictionnaire de l'académie. Edition 1694 page 582)

² Anne-Marie Drouin-Hans é uma filósofa francesa, especialista em educação, nascida em 27 de fevereiro de 1947 em Paris

identidade do nosso povo. Nas palavras de Chico César, na canção Nas Fronteiras do Mundo: (...) *somos uma Aquarela de mil cores, Humano de muitas raças, Caldo de muitos sabores.*

3 ESTEREÓTIPOS: FÁBRICA DE PRECONCEITOS

Com efeito, algumas vezes é difícil ver como a identidade se difere de um estereótipo: todos os brasileiros são hipersexualizados; adoram futebol e carnaval; os franceses não tomam banho e são “cartesianos”.

Segundo Drouin-Han(2006, a ideia de uma “identidade” cultural evoca um fechamento nesse Eu coletivo e expressa uma essência global que transcende aos indivíduos. Neste contexto, o conceito de identidade pode vir a ser acompanhado, muitas vezes, de outros qualificadores. A título exemplificativo, destaque-se que para alguns autores, a noção de identidade remete à identidade coletiva, individual, social, cultural, ideológica, nacional, dentre outros.

Para muitos estrangeiros e, até mesmo para brasileiros, ainda há uma visão de que o Brasil é a terra das mulheres bonitas, carnaval, futebol, selva amazônica e índios. Também se inclui nestes estereótipos, o conhecido “o jeitinho brasileiro”, adotado para explicar o *modus operandi* do brasileiro de contornar situações diversas, muitas vezes difíceis. No entanto, um país com mais de 200 milhões de habitantes não pode vir a ser generalizado como tal, sendo claro haver conflito entre as noções de identidade versus estereótipos.

O conceito de estereótipo, segundo estudiosos da área, surgiu, pela primeira vez, nas ciências sociais, no bojo da obra do jornalista e analista político, Walter Lippmann, denominada “*Public Opinion*”. Na referida publicação, o autor analisa como as pessoas constroem suas representações da realidade social. Lippmann sugere que os estereótipos são imagens mentais sobre a realidade que se interpõem, sob a forma de enviesamento, entre o indivíduo e a realidade.

Segundo o referido autor, os estereótipos formam-se a partir do sistema de valores do indivíduo e têm como função a organização e estruturação da realidade, posto ser demasiadamente complexa para ser assimilada.

Entendemos que na nossa sociedade multicultural, existem muitos estereótipos e preconceitos, muitas vezes utilizados de forma semelhante, vindo a se manifestar de formas sutis nas relações de poder. Desse modo, acabam sendo confundidos como sinônimos no uso da linguagem cotidiana. Questiona-se, pois, se é possível se opor a esses dois fenômenos defendidos como “culturais”?

Entende-se a tomada de consciência e/ou a própria conscientização da coletividade como um primeiro passo. Em um segundo momento, é preciso difundir o aprendizado e a convivência a partir do viés da diversidade. Somente conhecendo outras culturas e convivendo com outras realidades se é possível mudar nossas compreensões de mundo e, tudo isso, é o caminho para a transposição de barreiras até então fortemente arraigadas no seio social.

4 DIVERSIDADE: A FLUÊNCIA DA CULTURA

Os hábitos e costumes de países estrangeiros são, às vezes, muito confusos, haja vista cada país ter suas tradições. Um gesto pode ser considerado um sinal de respeito em determinado lugar e soar como insulto em outro. Portanto, sugere-se que, antes de viajar para outros lugares, que se informe sobre os bons modos a fim de evitar erros culturais.

No Manual Pesquisa em Promoção da Competência Transcultural e Justiça Social na Formação de Professores o Prof. Sagini Jared Keengwe da Universidade de Dakota do Norte (EUA), define o termo Fluência Cultural:

³ Fluência cultural significa familiaridade com as culturas: suas naturezas, como funcionam e como se entrelaçam com nossos relacionamentos em tempos de conflito e harmonia. Fluência cultural significa consciência de várias dimensões da cultura, incluindo a comunicação. (tradução nossa).(2016, p. 269)

⁴ A fluência cultural envolve a compreensão e o uso de elementos de diferentes culturas para fins de comunicação. Ele permite que o comunicador transmita o significado entre as culturas e o receptor compreenda as mensagens da forma como são pretendidas (tradução nossa) (Keengwe, 2016, p. 269)

Ora, estamos sujeitos a cometer gafes ou até mesmo agir de forma preconceituosa, quando estamos imersos em ambiente cultural diverso do nosso. Por isso, a observação do espaço desconhecido ou simplesmente diferente é tarefa primordial.

Enquanto a diversidade significa convidar todos para a mesa, a inclusão dá voz a todos os envolvidos. Muitas vezes, as instituições falam em diversidade, a partir do olhar de que pessoas de culturas distintas são diferentes, mas perdem a oportunidade de fomentar práticas de liderança, cultura e comportamentos inclusivos, de modo a torná-la uma realidade.

5 CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE

A história tem um papel fundamental para a construção da identidade cultural e preservação da memória coletiva. É a memória que revela tanto a cultura quanto o pensamento coletivo, compondo o desenvolvimento de construções coletivas das sociedades contemporâneas. É a partir da rememoração e evocação de memórias que se solidifica uma identidade.

Assim, a memória surge como uma obrigação, como uma imposição. Como orienta Ricoeur:

O dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, dos quais diremos mais adiante que não são mais, mas já foram. Pagar a dívida, diremos, mas também submeter a herança a inventário (Ricoeur, 2007, p. 101).

A memória individual, com suas funções de lembrar, esquecer e antecipar, é essencial para a construção de um indivíduo. Já a memória coletiva e a narração seletiva de eventos, contribuem para a identidade de um grupo.

Entendemos que a cultura “Brasileira” é um sustentáculo da identidade, tendo sido construída, de início, por meio de trocas; teve a contribuição de etnias distintas, a fim de sermos o que somos hoje.

Não obstante cada brasileiro ser um indivíduo único e insubstituível, também é uma soma das contribuições multiculturais a ele inerentes. Pode-se dizer que há peculiaridades na identidade brasileira, posto ser algo plural, fruto de múltiplos legados, a partir da nossa construção histórica.

Segundo diversos teóricos, a compreensão sobre o que seja identidade não algo bem definido, impermanente; mas sim construída a partir das vivências e experiências tidas com o mundo exterior. Castells(2001) nos ensina que:

³ **Cultural fluency** means familiarity with cultures: their natures, how they work, and ways they intertwine with our relationships in times of conflict and harmony. **Cultural fluency** means awareness of several dimensions of culture, including communication.

⁴ **Cultural fluency** involves understanding and use of elements from different cultures for the purpose of communication. It enables the communicator to convey meaning across cultures, and the receiver to understand messages as they are intended.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e de revelações de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço (Castells, 2001, p.23).

Assim, podemos dizer que a identidade pessoal não é "dada", não nasce com o indivíduo, o senso de identidade ainda tende a mudar. Certas fases da vida influenciam sistematicamente em mudanças de identidade, sejam elas mais ou menos fortes, mais ou menos difíceis, positivas ou negativas.

A sua construção passa necessariamente pelo olhar do outro, pois temos dificuldade de nos ver e precisamos de um olhar de fora. Esse desenvolver é fruto do nosso próprio olhar e dos olhares da coletividade. Na visão de Stuart Hall (2011):

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que significado 'positivo' de qualquer termo – e, assim, sua 'identidade' – pode ser construída (Hall, 2011, p. 110).

A percepção da diferença do outro constitui, antes de tudo, a prova da nossa própria identidade: "ele é diferente de mim, portanto eu sou diferente dele. Talvez a expressão "o inferno são os outros" (*l'enfer c'est les autres, em francês*) seja uma das mais conhecidas frases do autor francês Jean Paul Sartre, dita na peça de teatro "Entre quatro paredes" (1944). Essa frase traduz bem a nossa necessidade de nos relacionarmos com o outro para construir a nossa identidade e, isso, algumas vezes, não ocorre de forma pacífica.

6 ESTEREÓTIPOS E O RACISMO NO DISCURSO PRESIDENCIAL

Jair Messias Bolsonaro, nascido em 21 de março de 1955, em Glicério (São Paulo), é um político brasileiro, capitão da reserva do Exército. Em 1990, apoiado pelo Partido Democrata Cristão, foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro. Desde então, tem sido reeleito para diversos mandatos, vinculados aos Partidos da Reforma Progressista e Progressista, tendo, posteriormente, alterado de rótulo durante a própria legislatura.

Suas polêmicas declarações e seus posicionamentos, sejam em relação a temáticas envolvendo mulheres, negros, indígenas e integrantes do movimento LGBTQ+, quanto o seu discurso de que deveríamos retornar a um modelo política de ditadura militar, valeram-lhe o título de extrema direita no espectro político brasileiro. Grosso modo, esse é o perfil do atual presidente da república do Brasil. Neste sentido, pergunta-se: o que as minorias sociais podem esperar de Bolsonaro?

O cargo de presidente da República é a representação máxima de nossa identidade enquanto nação? Se a resposta for não, então por que o elegemos? Sua vitória estaria ligada a *fake news* nas redes sociais e o apoio de diversas forças evangélicas? Em caso positivo, quais as nossas semelhanças com esse governo? As respostas a esses questionamentos poderiam indicar em que nível estão nossos valores identitários como nação.

O que se pode extrair de tudo isso é que estamos diante de um chefe de governo que demonstra maus exemplos, ou seja, possui comportamentos não esperados do cargo. Na obra "Tormenta – O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos", lançada em janeiro de 2021, a autora e jornalista Thaís Oyama relata situações dos bastidores dos Palácios do Planalto e da Alvorada, tendo ali sido mencionado, dentre outras, uma das gafes diplomáticas cometidas pelo então presidente Jair Bolsonaro: [...] na reunião do G20, em junho, Bolsonaro perguntou a

Trump, que vestia uma gravata cor-de-rosa, se a loja não tinha artigos "também para homem". Trump não entendeu a piadinha (Oyama, 2021, p.6 ,)

Ora, o exemplo supracitado é apenas um dos inúmeros exemplos de frases, enunciados grosseiros e palavrões ditos pelo Presidente da República em comento, estando demonstrado um estereótipo de "masculinidade" arraigado em discursos.

A fala "não tinha para homem", mencionada na frase supracitada, pode ser interpretada como maneira de gerar humor, afirmando sua "virilidade" e, naturalmente, inferiorizando os demais grupos sociais (LGBTQIA +, mulheres, dentre outros). Aos olhos de outras nações, como essa frase poderá vir a ser interpretada? Qual é, de fato, o papel institucional que se espera de um Presidente da República?

A figura do Presidente da República deveria ser a de personificar a autoridade do Estado, ou seja, aquele que garante, por meio de sua arbitragem, que a Constituição seja respeitada, assegurando o normal funcionamento dos poderes públicos e a continuidade do Estado. A nível internacional, ele é o garantidor da soberania nacional, da integridade do território e do respeito aos tratados celebrados.

Neste viés, vemos como Bolsonaro marcha em desfavor da democracia e, por conseguinte, prejudica a imagem do Brasil mundo afora. Segundo Oyama (2011), além da piada pejorativa, na presença de Trump, também teria ocorrido a seguinte situação:

[...] apresentou ao presidente norte-americano o deputado Hélio Lopes, que recorrentemente chama de "Hélio Negão". O presidente brasileiro explicou a Trump que o apelido se devia ao fato de ele ser negro, "mas, apesar de negão, ele tem bilau de japonês" (Oyama, 2021,p.6 ,)

Ora, pode-se dizer que os estereótipos étnicos supracitados são um sério obstáculo ao alcance da verdadeira igualdade entre negros e brancos e, naturalmente, promovem certos tipos de discriminação que atingem diversas culturas.

Alguns podem até dizer que se trata de discursos "idiotas" de Bolsonaro, contudo, é preciso considerar o lugar de fala deste interlocutor e a força social que essas declarações têm ao reforçarem crenças sociais que nada contribuem para paz social no Brasil, mas sim fomentando práticas de racismo e discriminação contra negros, indígenas e demais grupos minoritários vulneráveis.

7 TRANSMISSÃO DE ESTEREÓTIPOS: RACISMO ESTRUTURAL

De acordo com o Dicionário Priberam de Língua Portuguesa, (eletrônico), o vocábulo transferência, no campo da psicanálise, significa "*processo pelo qual um indivíduo transfere ou projeta vivências e sentimentos em relação a indivíduos da sua vida privada para outros*".

Os estudos apontam que, nas áreas da psicanálise, sociologia e história, o estereótipo pode ser criado por qualquer cultura, atribuindo comportamentos que, geralmente, são assumidos por um ou mais indivíduos, grupos ou classes sociais, transferindo-lhes algo que não é deles por natureza, mas sim, por imposição cultural.

Edgar Gregersen menciona que essa imposição cultural é muito forte e significativa, capaz de criar "tipos humanos", se perpetuando no tempo. Segundo ele:

[...] transferência de estereótipos de uma cultura para outra com relação a empregos. No mundo de língua inglesa, cabeleireiros e dançarinos de balé são geralmente vistos como homossexuais. Na Rússia, apesar dos dançarinos de balé poderem ser suspeitos, os cabeleireiros não o são, pelo contrário, têm reputação de mulherengos. Na Dinamarca, os cabeleireiros são vistos como homossexuais, mas não os dançarinos de balé (Gregersen, 1983 , p. 284).

Os estereótipos e a violência verbal também são uma das marcas do governo Bolsonaro e tem sido uma forma de cativar o seu público. O Supremo Tribunal Federal, por exemplo, confirmou a sua condenação ao pagamento de R\$10.000,00 em danos morais à deputada Maria do Rosário, do PT. Em 2014, após debates na Câmara, Bolsonaro declarou que não a estupraria porque ela “não merecia” .

Segundo Allport (1954), os preconceitos podem se formar a partir dos seis anos, mas aparecem, principalmente, na adolescência, entre os doze e dezesseis anos. Acredita-se que as atitudes raciais, em crianças, por exemplo, resultam do que ouvem sobre “raças” associadas a um sentimento particular.

A criança pode ouvir sobre diferentes “raças” em termos positivos e gratificantes ou de forma negativa e depreciativa. Para o estudo do tema, se faz importante conhecer a teoria de Gordon Allport. Para o referido autor, preconceito: “[...] É uma atitude hostil ou preventiva a uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque pertence a esse grupo, supondo-se, portanto, que possui as características contestáveis atribuídas a esse grupo” (Allport, 1954, p. 22).

Bolsonaro não esconde seus pensamentos de desprezo pelos povos indígenas e quilombolas. A minoria étnica de nosso país sofre com o discurso de ódio que se liga profundamente à privação de direitos constitucionais. A maior autoridade do país denegriu a identidade dos povos indígenas antes mesmo de ter assumido um mandato, dizendo: “Pena que a cavalaria brasileira não tenha sido tão eficiente quanto a americana, que exterminou os índios” (Correio Braziliense, 12 abr.1998).

O debate sobre a situação dos povos indígenas renasceu entre os brasileiros por ocasião de um drama sintomático das tensões e conflitos que estão dilacerando a Amazônia. O futuro das comunidades indígenas está, atualmente, nas mãos do Supremo Tribunal Federal, uma vez que o executivo federal defende a abertura de terras indígenas e áreas protegidas na Amazônia, indicando não se importar com questões de desmatamento e riscos de surgimento de novos garimpos ilegais.

Tais narrativas são a negação da diversidade cultural, principal característica na formação do povo Brasileiro e estão correlacionadas à história da recusa em reconhecer que somos um país étnico-racial diverso.

8 CONCLUSÃO

Quando nos deparamos com o desconhecido, nossos cérebros tendem a preencher os vazios com o que fomos condicionados a assumir. Alguns veem isso como um mecanismo de sobrevivência. Os preconceitos inconscientes se manifestam quando tais suposições são influenciadas pelas desigualdades sociais inerentes ao mundo em que vivemos, levando-nos a perpetuá-las por meio de nossas decisões e comportamentos.

Ao desenvolvermos nossas habilidades culturais, despertando o desejo de conhecer o diferente, surgem-se novas possibilidades de quebrar esse círculo vicioso de superior versus inferior. Esse debate é relevante, principalmente frente ao impacto sobre culturas de minorias étnicas.

A diversidade contribui para o crescimento econômico do país. É, portanto, uma fonte de riqueza, não sob um viés financeiro, mas sim cultural, compondo um espectro multicolorido da vida em sociedade.

A heterogeneidade identitária nos possibilita uma abertura cognitiva e intelectual. Há quem afirme que é o motor de desenvolvimento social e crescimento econômico, assumindo várias formas no tempo e no espaço.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA NUNES. Diário da Manhã. **Você é brasileiro ou brasileiro?** Disponível em: <https://www.dm.com.br/opiniaio/2017/06/voce-e-brasileiro-ou-brasiliano/>. Acesso em: 20 nov. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **L'identité et la représentation**. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 35, novembre 1980. L'identité. pp. 63-72
- CABECINHAS, Rosa. **Media, etnocentrismo e estereótipos sociais**. 2021. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1599/1/racabecinhas_MedEtno_2002.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021
- CASTELLS, M. A construção da identidade. In: **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- DROUIN-HANS, Anne-Marie. Identité. **Le Télémaque**: Philosophie, Education, Société. n. 29, p. 17-26, 2006. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-telemaque-2006-1-page-17.htm#no1>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- GREGERSEN, E. **Práticas Sexuais**. São Paulo: Roca, 1983.
- KEENGWE, Jared. **Handbook of Research on Promoting Cross-Cultural Competence and Social Justice in Teacher Education**. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328872741_Handbook_of_Research_on_Promoting_Cross-Cultural_Competence_and_Social_Justice_in_Teacher_Education. Acesso em: 15 nov. 2021.
- KEENGWE, Jared. **Preparo e fluência cultural**. Disponível em: <https://www.aberje.com.br/?coluna=preparo-e-fluencia-cultural>. Acesso em: 24 nov. 2021.
- KERZIL, Jennifer; CODOU, Olivier. L'école à la lumière de la psychologie sociale. **Carrefours de l'éducation** n. 22, p. 111 -135, 2006. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-carrefours-de-l-education-2006-2-page-111.htm>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- MANUEL, Daniela Fiorin Falco Pereira; SILVA, Marcus Vinícius; OLIVEIRA, Roselle Fernandes Torres de. **A origem do preconceito**. Disponível em: <http://revista.fepi.br/revista/index.php/revista/article/view/260/147>. Acesso em: 24 nov. 2021
- MARCELO SZPILMAN. Grupo Cataratas. **Brasileiro ou Brasileiro? Como você se define?** Disponível em: <https://grupocataratas.com/brasileiro-ou-brasiliano-como-voce-se-define/>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2001
- SURVIVAL BRASIL. **O que Jair Bolsonaro, Presidente-eleito, disse sobre os povos indígenas do Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- TRIPICCHIO, Adalberto. **A mulher estereotipada e solapada pela Cultura Falocrata**. In: Reflexões sobre o Campo Psi. Disponível em: <https://www.redepsi.com.br/2006/08/16/a-mulher-estereotipada-e-solapada-pela-cultura-falocrata>.